

DA AUTORA BEST-SELLER MUNDIAL DA SÉRIE SANGUE E CINZAS

JENNIFER L.  
ARMENTROUT

UMA  
MALDIÇÃO  
DE  
RUÍNAS  
E FÚRIA



Galera

DA AUTORA BEST-SELLER MUNDIAL DA SÉRIE SANGUE E CINZAS

JENNIFER L.  
ARMENTROUT

UMA  
MALDIÇÃO  
DE  
RUÍNAS  
E FÚRIA



Galera

JENNIFER L.  
ARMENTROUT

UMA  
MALDIÇÃO  
DE  
RUÍNAS  
E FÚRIA

Tradução  
Carlos César da Silva

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO  
2024

**PREPARAÇÃO**

Rodrigo Dutra

**REVISÃO**

Laís Curvão

Ana Clara Werneck

**DIAGRAMAÇÃO DA VERSÃO****IMPRESSA**

Abreu's System

**DESIGN DE CAPA ORIGINAL**

Hang Le

**TÍTULO ORIGINAL***Fall of ruin and wrath*

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A76m

Armentrout, Jennifer L.

Uma maldição de ruínas e fúria [recurso eletrônico] / Jennifer L. Armentrout; tradução  
Carlos César da Silva. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Galera Record, 2024.  
recurso digital (Fall of ruin and wrath; 1)

Tradução de: fall of ruin and wrath

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5981-394-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Silva, Carlos César da. II. Título. III. Série.

24-91783

CDD: 813

CDU: 82-3(73)



Gabriela Faray Ferreira Lopes – Bibliotecária – CRB-7/6643

Fall of ruin and wrath copyright © 2023 by Jennifer L. Armentrout

Os direitos desta tradução foram obtidos mediante acordo com Taryn Fagerness Agency e Sandra  
Bruna Agencia Literaria, SL.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Os direitos morais da autora foram assegurados.

Texto revisado segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela  
EDITORA GALERA RECORD LTDA.  
Rua Argentina, 120 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a  
propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil



ISBN 978-65-5981-394-0

Seja um leitor preferencial Record.  
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:  
[sac@record.com.br](mailto:sac@record.com.br)

# SUMÁRIO

Dedicatória

Guia de pronúncias

Prólogo

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

Capítulo doze

Capítulo treze

Capítulo catorze

Capítulo quinze

Capítulo dezesseis

Capítulo dezessete

Capítulo dezoito

Capítulo dezenove

Capítulo vinte

Capítulo vinte e um  
Capítulo vinte e dois  
Capítulo vinte e três  
Capítulo vinte e quatro  
Capítulo vinte e cinco  
Capítulo vinte e seis  
Capítulo vinte e sete  
Capítulo vinte e oito  
Capítulo vinte e nove  
Capítulo trinta  
Capítulo trinta e um  
Capítulo trinta e dois  
Capítulo trinta e três  
Capítulo trinta e quatro  
Capítulo trinta e cinco  
Capítulo trinta e seis  
Capítulo trinta e sete  
Capítulo trinta e oito  
Capítulo trinta e nove  
Agradecimentos

*Para você, leitor*

# GUIA DE PRONÚNCIAS

Divinus: Di-vie-nus

Euros: Your-us

Primvera: Prim-vi-rah

Rae: Ray

Vytrus: Vie-trues (Vi-trus)

*caelestia*: ca-les-te-uh (ca-les-ti-a)

*divus*: di-vus

*na'laa*: nah-lay (ná-lei)

*ni'mere*: nigh-meer (nai-mir)

*ny'chora*: nay-ko-rah (nei-co-ra)

*sōls*: souls (sous)



## PRÓLOGO

Uma quietude sinistra recaiu sobre o quarto do abrigo, abafando o barulho dos roncoss baixos e das respirações ofegantes das crianças que estavam dormindo. Sentindo saudade das camas quentes encontradas no Priorado da Misericórdia, apertei mais ainda os meus dedos doloridos no cobertor áspero e puído. Eu não dormia bem no chão, onde as baratas e os ratos costumavam correr a noite toda.

No entanto, naquela noite não havia nenhum sinal dos rabinhos finos e ágeis, e eu também não ouvia o barulho das garras no chão. Deveria ter sido uma descoberta positiva, mas algo não me parecia nada certo — nem no chão sob mim nem no ar que eu respirava.

Eu tinha acordado arrepiada, sentindo calafrios e uma sensação estranha na boca do estômago. A priorosa me ensinara a sempre confiar na minha segunda visão, no impulso da minha intuição e no anseio do meu instinto. Eram dons, dissera ela inúmeras vezes, que os deuses tinham me dado porque nasci das estrelas.

Eu não entendia o que ela queria dizer com a parte das estrelas, mas no momento minha intuição dizia que havia algo muito errado.

Encarei as paredes úmidas de pedra, iluminadas pelos lampiões a gás, à procura de um sinal do que fez meu estômago embrulhar como se eu tivesse comido carne estragada. Perto da porta, uma das luzes tremeluziu e se apagou. O lampião próximo à janela estalou e cessou, aconteceu o mesmo com todos os outros. Do outro lado do quarto, a última lamparina se apagou.

Não foram dedos que apagaram as luzes. Eu teria visto qualquer pessoa que ousasse provocar a ira do mestre fazendo alguma gracinha com os lampiões.

Voltei o olhar para a lareira. As chamas dos pedaços de carvão ainda queimavam, embora estivessem fazendo um péssimo trabalho em aquecer o

quarto, mas não foi isso o que chamou minha atenção. O fogo... não produzia som algum. Nem um crepitar ou chiado.

Senti um arrepio de pavor nos pelos da minha nuca, que desceu devagar feito uma aranha pela minha espinha.

Ao meu lado, um montinho se mexeu sob o cobertor e rolou. Tufos de cabelo castanho cacheado e bagunçado apareceram quando Grady espiou da ponta da coberta. Ele piscou, os olhos pesados de sono.

— O que está fazendo, Lis? — murmurou, a voz falhando no meio do caminho. Vinha acontecendo com muita frequência, desde que ele tinha começado a crescer como as ervas daninhas no quintal do orfanato. — Lis? — Grady endireitou o corpo, segurando o cobertor na altura do queixo enquanto as chamas da lareira perdiam a força. — O mestre estava te incomodando de novo?

Balancei a cabeça depressa, pois não tinha visto o mestre, apesar de meus braços estarem repletos de evidências de noites anteriores e de seus dedos maldosos, que tinham a tendência de beliscar.

Coçando os olhos de sono, ele franziu o cenho.

— Teve um pesadelo ou algo do tipo?

— Não — sussurrei. — O ar está estranho.

— O ar...?

— Será que são fantasmas? — perguntei, minha voz saía rouca.

Ele debochou.

— Fantasmas não existem.

Semicerrei os olhos.

— Como é que você sabe?

— Porque eu... — Grady parou de falar, olhando por sobre o ombro para as chamas na lareira que sumiam de vez, deixando o quarto iluminado pela luz minguante da lua. Ele virou a cabeça devagar enquanto analisava o quarto, só então percebendo que os lampiões tinham sido apagados. Em seguida, Grady olhou de volta para mim com os olhos arregalados. — Eles estão aqui.

Pulei de susto, sentindo uma onda gélida de pavor percorrer todo o meu corpo. Aquela frase só podia se referir a uma coisa.

Os Súperos.

Os descendentes dos deuses tinham uma aparência semelhante à nossa — quer dizer, *a maioria* deles, mas os que governavam o Reino de Caelum

não eram como nós, íferos. Eles não eram nada mortais.

E não tinham o menor motivo para estar ali.

Não era época dos Banquetes, quando os Súperos interagiam mais abertamente com as pessoas da nossa laia. Além do mais, estávamos no Ninho. Não era um dos lugares bonitos com coisas e pessoas de valor. Não havia prazer em nada que pudessem encontrar ali para alimentá-los.

— Por que estão aqui? — perguntei baixinho.

Grady agarrou meu braço, o frio de seus dedos passou pelo tecido da minha blusa.

— Não sei, Lis.

— Será que eles... acha que vão machucar a gente?

— Eles não têm motivo para isso. Não fizemos nada de errado. — Ele nos puxou para que dividíssemos o mesmo travesseiro baixo. — É só você fechar os olhos e fingir que está dormindo. Assim vão deixar a gente em paz.

Fiz o que Grady mandou, como fazia desde que ele tinha parado de me fazer dar meia-volta sempre que eu chegava perto, mas não consegui ficar quieta. Não pude impedir que o medo crescesse ainda mais, me levando a pensar no pior.

— E se eles... e se estiverem aqui por minha causa?

Ele me puxou para que eu repousasse a cabeça no pescoço dele.

— Por que estariam?

Meus lábios tremeram.

— Porque eu... eu não sou como você.

— Não tem por que você se preocupar com isso — sussurrou Grady para me tranquilizar, tão baixinho que os outros não conseguiriam nos ouvir. — Não vão se importar com isso.

Mas como ele podia ter tanta certeza? As outras pessoas se importavam. Às vezes eu as deixava *nervosas*, porque não conseguia deixar de dizer algo que tinha visto na minha cabeça — um acontecimento que estava por vir, ou uma decisão que ainda não tinha sido tomada. Grady já estava acostumado com isso. O mestre? Os demais? Nem de longe. Olhavam para mim como se tivesse algo errado comigo, e o mestre muitas vezes me encarava como se achasse que eu era uma ilusionista e como se... como se tivesse um pouco de medo de mim. Não o bastante para parar de me beliscar, mas o suficiente para continuar com as punições.

— Talvez os Súperos sintam algo de diferente em mim — falei, ainda com a voz rouca de medo. — E talvez não gostem de mim ou achem que eu sou...

— Não vão notar nada. Prometo. — Ele puxou o cobertor sobre nossas cabeças, como se o gesto fosse capaz de nos proteger.

Contudo, um cobertor não nos esconderia dos Súperos. Eles faziam o que bem entendiam, com quem quisessem. E se fossem contrariados? Podiam transformar cidades inteiras em pó.

— Xiu — pediu Grady. — Não chora. Só fecha os olhos. Vai ficar tudo bem.

As portas do quarto se abriram rangendo. Grady estendeu a mão no espaço entre nós dois na cama e apertou meu braço até que eu pudesse sentir os ossos de seus dedos. O ar de repente ficou rarefeito e tenso, e as paredes gemeram como se as pedras não fossem capazes de conter o que tinha acabado de entrar. Um tremor me sacudiu. Fiquei enjoada como da última vez que a priora tinha pegado minha mão, como fazia muitas vezes sem se preocupar com o que eu poderia ver ou *descobrir*, mas naquele dia tinha sido diferente. O que vi foi a morte dela se aproximando.

Minha respiração estava ofegante, mas ainda assim senti um cheiro que rastejou sob o cobertor entre mim e Grady, superando o cheiro de bebida choca e muitos corpos enfurnados num espaço apertado demais. Era um aroma mentolado que me lembrava... dos doces que a priora costumava carregar nos bolsos de seu robe. *Não se mexa. Não dê um pio*, repeti como um mantra. *Não se mexa. Não dê um pio*.

— Há quantos deles aqui? — murmurou uma voz masculina.

— O número mu-muda toda noite, lorde Samriel. — A voz do mestre estava trêmula. Eu nunca o ouvira falar naquele tom de medo. Geralmente, era a voz *dele* que nos assustava, mas havia um lorde Súpero entre nós, um dos Súperos mais poderosos. Era mesmo de amedrontar até o mais cruel dos valentões. — Costu-tumamos ter cerca de trinta, mas não sei de nenhum que tenha o que está procurando.

— Nós mesmos nos certificaremos disso — respondeu o lorde Samriel. — Vejam um por um.

Os passos dos cavaleiros dos Súperos — os Rae — ecoavam no mesmo ritmo do meu coração. O que parecia uma camada fina de gelo se instaurou sobre nós à medida que a temperatura do quarto caía.

Os Rae eram guerreiros íferos bravos que haviam sucumbido em batalha com príncipes e princesas Súperos. Transformados, mal passavam de carne e osso, suas almas capturadas e aprisionadas pelos príncipes, pelas princesas e pelo rei Euros. Será que isso significava que um deles estava ali? Tremi só de pensar.

— Abra os olhos — ordenou o lorde Samriel de algum lugar no quarto. Por que estavam exigindo que abríssemos os olhos?

— O que eles são? — outro deles perguntou. Um homem. Ele não falou alto, mas sua voz impregnava um poder arrepiante em cada palavra.

— Órfãos. Rejeitados, milorde — balbuciou o mestre. — Alguns vieram do Priorado da Misericórdia — continuou. — O-outros simplesmente apareceram. Não sei de onde vêm nem onde acabam desaparecendo. Mas nenhum deles é um serafim, isso eu posso garantir.

Eles... eles achavam mesmo que havia um *serafim* aqui? Por isso estavam verificando nossos olhos, procurando a marca — uma luz nas íris, pelo menos é o que eu tinha ouvido falar, mas ninguém ali era assim.

Tremi com o som dos arquejos assustados e guinchos abafados que seguiram por vários momentos, mantendo os olhos fechados com força enquanto desejava com cada fibra do meu corpo que eles nos deixassem em paz. Que apenas desaparecessem e nos deixassem em...

Uma corrente de ar soprou bem acima de nós, carregando aquele aroma mentolado. Grady ficou rígido ao meu lado.

— Abra os olhos — mandou o lorde Samriel.

Congelei quando Grady levantou metade do corpo para me proteger com seu corpo e o cobertor. A mão que segurava meu braço balançou, e isso me fez tremer ainda mais porque Grady... ele encarava as crianças mais velhas sem medo nenhum e ria quando os guardas corriam atrás dele na rua. Grady nunca sentia medo.

Mas, naquele momento, ele estava aterrorizado.

— Nada — anunciou o lorde Samriel com um suspiro pesado. — São só estes?

O mestre pigarreou.

— Sim. Tenho cer-certeza. Espere um instante. — O barulho de seus passos pesados sobre o piso ressoava. — Tem uma menorzinha que está sempre com ele. Uma menina bem estranha, para ser sincero — falou, cutucando minhas pernas cobertas, e eu engoli um grito. — Aqui.

— Ele não sabe do que está falando — negou Grady. — Só tem eu aqui.

— Olha como fala comigo, moleque! — alertou o mestre.

Mordi o lábio até sentir gosto de sangue.

— Olha você — rebateu Grady, fazendo outra dose de medo golpear minhas entranhas. O mestre não aceitaria bem as respostas afiadas de Grady. Se sobrevivêssemos àquela noite, o mestre o castigaria. E muito, como da última vez que...

De repente, o cobertor foi arrancado de cima de mim, e eu congelei. Grady se mexeu, cobrindo meu corpo com metade do seu, mas em vão. Eles já tinham me visto.

— Parece que tem dois, em vez de apenas um, dividindo o cobertor. Uma garota. — O lorde sem nome fez uma pausa. — Eu acho.

— Afaste-se dela — mandou o lorde Samriel.

— Ela não é ninguém! — rosou Grady, seu corpo tremendo contra o meu.

— Todo mundo é alguém — respondeu o outro.

Grady não se mexeu. Houve um suspiro pesado, impaciente, e Grady simplesmente *sumiu*...

O pânico explodiu dentro de mim, fazendo com que todos os meus membros se mexessem ao mesmo tempo. Num impulso, fiquei de pé, Tateando sem enxergar em busca de Grady à luz brilhante de um lampião que havia surgido do nada, inundando o quarto. Gritei quando um Rae o segurou pelo quadril. Sombras cinza esguias saíram das vestes do Rae e se enrolaram nas pernas de Grady.

— Me solte! — gritou ele, debatendo-se ao ser puxado para trás. — Não fizemos nada de errado. Me deixem...

— Calado! — interrompeu o lorde Samriel, colocando-se entre mim e Grady. Seu cabelo longo era tão pálido que parecia quase branco. Ele colocou a mão sobre o ombro de Grady, que se calou.

Sua pele, geralmente de um marrom bem caloroso, foi tomada por um tom cinza pálido enquanto ele... só me encarava, os olhos arregalados e vazios. Ele não disse nada. Nem se moveu.

— Grady? — sussurrei, tremendo tanto que meus dentes batiam.

Não houve resposta. Ele sempre me respondia, mas era como se nem estivesse mais ali. Como se não passasse de uma carcaça que apenas se parecia com ele.

Dedos apareceram para me segurar pelo queixo. O toque foi como uma corrente de eletricidade percorrendo meu corpo. Eu sentia os pelos do braço se movendo conforme minha pele se arrepiava em alerta.

— Tudo bem — disse o outro lorde com uma voz quase tranquila, *quase* gentil, ao virar minha cabeça para ele. — Não vamos machucá-lo.

— Veremos — respondeu o lorde Samriel.

Tentei me soltar, mas não dei muita sorte. O lorde desconhecido estava me segurando forte demais.

Eu o encarei por trás dos tufos de cabelo escuro embaraçado. Ele... ele parecia mais jovem do que eu esperava, como se estivesse apenas na terceira década de vida. Seu cabelo era de um castanho dourado, caindo na altura dos ombros cobertos pelas vestes pretas, e suas bochechas eram da cor da areia encontrada ao longo da margem da Baía da Maldição. Seu rosto era uma mistura de ângulos e linhas retas, mas seus olhos...

Eram caídos nos cantos exteriores, mas... foram as cores das íris que chamaram minha atenção. Eu nunca tinha visto nada como aquelas *cores*. Cada olho continha manchas de azul, verde e marrom.

Quanto mais eu o encarava, mais me dava conta de que ele... ele me lembrava das figuras desbotadas pintadas no teto de abóbadas do priorado. Como é que a priora as tinha chamado mesmo? *Anjos*. Foi o termo que uma vez eu a ouvi usar para se referir aos Súperos, dizendo que eram guardiões dos mortais e do próprio reino. Porém, os seres que haviam entrado no abrigo não se pareciam em nada com figuras protetoras.

Estavam mais para predadores.

Exceto aquele, de olhos estranhos. Ele parecia...

— E ela? — A voz do lorde Samriel rompeu o silêncio.

O jovem lorde Súpero que segurava meu queixo não disse nada ao me encarar. Lentamente, percebi que tinha parado de tremer. Meu coração havia se acalmado.

Eu... não sentia medo dele.

Da mesma maneira como não senti medo quando conheci Grady, mas isso foi porque *vi* o tipo de pessoa que ele era. Minha intuição me dissera que Grady era uma das pessoas mais bondosas que eu poderia conhecer. Não vi nada ao fitar os olhos do lorde, mas *sabia* que estava segura, mesmo quando as pupilas dilataram. Pequenas explosões de branco apareceram em seus olhos. Eram como estrelas, e brilharam até capturarem toda a minha

atenção. Meus batimentos aceleraram feito os de um cavalo fugitivo. E, por fim, aconteceu. Meus sentidos se abriram para ele. Não vi *nada* em seus olhos, nem na minha mente.

No entanto, *senti* algo.

Um aviso.

Um acerto de contas.

Uma promessa do que estava por vir.

E eu *entendi*.

O lorde recuou, as pupilas voltaram ao tamanho normal e os pontos brancos desapareceram.

— Não — disse ele, olhando para o meu braço, exposto pela blusa grande demais que eu vestia. — Nada relevante nela.

Ele soltou meu queixo.

Rastejei de volta pelo cobertor, até Grady. Ele ainda estava suspenso ali, inerte e vazio.

— P-por favor — supliquei.

— Deixe o menino — ordenou o lorde.

O lorde Samriel obedeceu com um suspiro, e a vida voltou a Grady no mesmo segundo. Quando a palidez sumiu de seu rosto, eu me livreí do cobertor amontoado, jogando os braços ao redor dele. Presa a seu corpo trêmulo, voltei o olhar para o lorde Súpero que tinha estrelas nos olhos.

Ele permaneceu onde estava, ainda agachado e olhando para mim — encarando meus braços enquanto o lorde Samriel passava por ele em direção à saída. Finquei os dedos na blusa fina que cobria as costas de Grady.

— Seus braços — começou ele, com a voz tão baixa dessa vez que eu não sabia ao certo se tinha visto seus lábios se mexerem. — Como foi que isso aconteceu?

Eu não sabia a razão por trás da pergunta, ou se ele sequer se importava de verdade, e eu sabia que não devia contar quem me causara aquilo, mas olhei para o mestre e o indiquei com a cabeça.

O lorde me olhou por mais um momento, levou os dedos aos lábios curvados em um meio sorriso, e em seguida se levantou, chegando a uma altura impossível.

O quarto ficou um breu de novo, e o silêncio pesado retornou, mas eu não sentia mais medo.

Um grito estridente e curto se espalhou pela escuridão, culminando rápido demais em um som encorpado de estalo. Levei um susto quando algo pesado caiu no chão.

A quietude voltou e a atmosfera pesada abandonou o quarto de uma só vez, foi como se o próprio ar suspirasse de alívio. Os lampiões ao longo da parede se reacenderam, um após o outro. O fogo ressurgiu na lareira, crepitando e sibilando.

Próximo à porta, o mestre estava jogado no chão, deitado em uma poça do próprio sangue, seu corpo quebrado e contorcido. Alguém gritou. Camas rangeram conforme os demais se levantavam, mas eu não me mexi. Encarei a soleira da porta vazia, sabendo com certeza que veria o lorde Súpero de novo.



## CAPÍTULO UM

— Tem um momento, Lis?

Desviando a atenção da camomila que eu moía para os chás do barão Huntington, vi Naomi parada à porta do meu quarto. Ela já estava pronta para dormir; sua camisola translúcida seria completamente transparente não fosse pelos bordados em azul-escuro colocados em lugares estratégicos no tecido.

O Barão de Archwood levava uma vida nada convencional comparada à da maioria dos mortais, porém, Claude não era um mero mortal. Ele era um *caelestia* — um mortal descendente da união rara de alguém ífero e alguém Súpero. Os *caelestias* nasciam e envelheciam, como nós, íferos, e aos vinte e seis, Claude ainda não tinha planos de se casar. Na verdade, ele preferia compartilhar sua afeição com muitas pessoas em vez de uma só. Ele, como muitos outros Súperos, colecionava coisas belas e únicas. No entanto, se comparar a um dos amantes do barão não era nada inteligente, mas era ainda mais tolice afrontar Naomi.

Com seu cabelo castanho brilhoso e feições delicadas, ela era absolutamente estonteante.

Meu rosto, por outro lado, parecia uma colagem de traços de outras pessoas. Minha boca pequena não condizia com o franzido natural dos meus lábios. Eu tinha a impressão de que meus olhos — redondos e grandes demais — ocupavam minha face inteira e faziam com que eu aparentasse ser muito mais inocente do que realmente era. Isso fora útil inúmeras vezes quando eu morava na rua, mas eu achava que eles me davam um ar daquelas bonecas bizarras expostas em vitrines, só que com uma pele marrom-clara em vez de branca feito porcelana.

O barão me disse uma vez que eu era uma visão interessante — “deslumbrante” de um jeito peculiar —, mas mesmo se não fosse esse o caso,

eu ainda seria sua favorita, a amante que ele fazia questão de ter a seu lado, e isso não tinha nada a ver com a minha aparência atipicamente atraente.

A tensão se instalou em meus ombros, e eu me mexi no sofá, assentindo. Deslizando os dentes pelo lábio inferior, eu a observei fechando a porta e atravessando a área de estar do meu quarto — meus aposentos *particulares*.

Meus deuses, aos vinte e dois anos de idade, eu já morava ali havia... havia seis anos. O bastante para não me impressionar mais com o fato de ter meu próprio espaço, meus cômodos particulares com eletricidade e água quente, coisas que muitos lugares no reino não possuíam. Eu tinha minha própria cama — uma cama de verdade, não uma pilha de cobertores finos sobre um colchão feito de palha e infestado de pulgas —, mas ainda era difícil de acreditar.

Eu me concentrei em Naomi. Ela se comportava de um jeito estranho, mexendo as mãos sem parar. Estava nervosa, e eu nunca a tinha visto assim.

— Do que precisa? — perguntei, embora tivesse minhas suspeitas. Na verdade, eu *sabia exatamente* o que ela queria. O motivo de estar nervosa.

— Eu... eu queria falar com você a respeito da minha irmã — começou ela, titubeando, e Naomi nunca titubeava com nada. Coragem e ousadia como as dela eram difíceis de encontrar. — Laurelin não tem estado muito bem.

Senti um aperto no peito ao olhar de volta para a tigela em meu colo e o pó marrom amarelado dentro dela. Era o que eu temia.

A irmã de Naomi se casara com um proprietário de terras rico, muito acima de sua classe social. Fora uma união anunciada como amor verdadeiro, algo que teria me feito reprimir uma risada, mas era a verdade. Laurelin era a exceção em um mundo onde a maioria se casava por conveniência, oportunidade ou estabilidade.

E que diferença fazia o amor na vida de alguém? Mesmo na dela? Ele não tinha impedido o marido dela de querer um filho, embora o último parto que ela enfrentara quase tivesse tirado sua vida. Então, ela continuou tentando engravidar, não importava o risco.

Seu marido conseguira o filho que tanto desejava, e Laurelin tinha contraído a febre que matava muitas mulheres após o parto.

— Eu queria saber se ela... — Naomi respirou fundo, enrijecendo os ombros. — Se ela vai conseguir se recuperar.

— Imagino que não esteja querendo saber minha opinião — falei, apertando o pilão no monte de camomila. O aroma levemente frutado de tabaco ficou mais forte. — Está?

— Não, a menos que você esteja fazendo bicos como médica ou parteira — respondeu ela, seca. — Quero... quero saber o que o futuro guarda para ela.

Suspirei devagar.

— Você não deveria estar me perguntando isso.

— Eu sei. — Naomi se ajoelhou no chão ao meu lado, criando uma poça de tecido ao seu redor. — E eu sei que o barão não gosta quando alguém pede que faça isso, mas prometo que ele nunca ficará sabendo.

Minha relutância não tinha muito a ver com Claude, embora ele realmente não gostasse quando eu usava minha antevisão — minha intuição intensificada — para ninguém além dele próprio. Ele temia que me acusassem de ser uma ilusionista, alguém que mexia com magia de ossos proibida, e por mais que eu soubesse *com certeza* que o barão se importava mesmo com isso, eu também sabia que não eram os magistrados de Archwood que o preocupavam. Todos comiam na palma de sua mão, e nenhum deles antagonizaria um Súpero, ainda que o barão fosse apenas um descendente. O que ele temia de verdade era que alguém com mais numo e poder me roubasse dele.

No entanto, a ordem que ele me dera de esconder minhas habilidades e o meu próprio medo de ser tachada como ilusionista não me detiveram. Eu só... simplesmente não conseguia ficar de boca fechada quando *via* ou *sentia* algo e tinha o impulso de dar com a língua nos dentes. Acontecia a mesma coisa em todos os lugares onde Grady e eu moramos antes da cidade de Archwood, que ficava na região das Terras Médias. Por conta disso, fui acusada de ilusionismo e nós fomos obrigados a fugir em plena madrugada mais vezes do que eu conseguia me lembrar, tudo para escapar do nó da forca. Essa minha trágica incapacidade de cuidar da minha própria vida foi o que me levou a conhecer Claude.

Também foi por causa dela que as pessoas no solar e nos arredores descobriram quem eu era — a mulher que sabia das coisas. Não muitas, mas o bastante.

O motivo por eu não querer que Naomi me fizesse aquela pergunta só tinha a ver com ela mesma.

Quando cheguei ao Solar de Archwood aos dezesseis anos, Naomi já morava ali havia uns treze meses. Da mesma idade de Claude, ela era apenas alguns anos mais velha que eu, e esperta, além de muito mais vivida do que eu podia esperar ser um dia, a ponto de achar que ela não ia querer nada comigo.

No fim das contas, não foi bem assim.

Naomi acabou se tornando, bem, a primeira... amizade que fiz além de Grady.

Eu faria qualquer coisa por ela.

Contudo, eu tinha medo de partir seu coração e morria de medo de perder sua amizade tanto quanto tinha receio de colocar a perder a vida que eu construía para mim mesma em Archwood. Isso porque, na maioria das vezes, as pessoas não queriam as respostas que buscavam, e a verdade do que estava por vir tendia a causar mais danos do que uma mentira.

— Por favor — sussurrou Naomi. — Nunca te pedi nada assim antes e... — Ela engoliu em seco. — Odeio ter que fazer isso, mas estou tão preocupada, Lis. Tenho medo de que ela deixe este reino.

Seus olhos escuros começaram a reluzir com lágrimas, e eu logo cedi.

— Tem certeza?

— É claro, eu...

— Diz isso agora, mas e se for uma resposta da qual você tem medo? Porque se for, não vou mentir. Sua preocupação vai virar um coração partido — reforço.

— Sei disso. Confie em mim, eu entendo — jurou ela, os cachos castanhos volumosos caindo sobre os ombros conforme ela se inclinava em minha direção. — Foi por isso que não perguntei assim que fiquei sabendo da febre.

Mordi o lábio, segurando o pilão com mais força.

— Não vou ficar chateada com você por isso — disse ela, baixinho. — Seja qual for a resposta, não a culparei.

— Promete?

— É claro — afirmou ela.

— Certo — falei, torcendo para que ela estivesse sendo sincera. Naomi não era do tipo que projetava seus pensamentos e intenções como muitos faziam, o que os tornava fáceis demais de se ler.

Entretanto, eu poderia acessar a mente dela, se quisesse, para descobrir se ela estava mesmo dizendo a verdade. Tudo que eu precisaria fazer era abrir meus sentidos para ela e permitir que aquela conexão ganhasse vida.

Não era algo que eu fazia se pudesse evitar. Era um processo muito invasivo. Como uma violação. No entanto, saber disso não me impedia de usar o método nas ocasiões em que aquele poder era conveniente para mim, não é mesmo?

Deixando essa singela verdade de lado, tomei um fôlego impregnado com cheiro de camomila ao colocar a tigela sobre uma mesinha.

— Me dê sua mão.

Naomi não titubeou, levantando uma mão, mas eu sim, porque era muito raro que eu tocasse a pele de outra pessoa sem ser bombardeada pelo conhecimento de suas verdadeiras intenções, e até do futuro que a aguardava. A única maneira de tocar outro ífero era para silenciar meus sentidos, normalmente por meio do álcool ou de alguma outra substância — o que, bem, silenciava todo o resto também, e não durava muito, então meio que não havia razão para aquilo.

Coloquei minha mão sobre a dela, querendo apenas aproveitar a sensação por um instante. A maioria das pessoas não se dava conta de que havia uma diferença enorme entre ser tocada e tocar por vontade própria. Só que aquilo com Naomi não tinha nada a ver comigo. Eu não podia me dar ao luxo daquele momento, afinal, quanto mais tempo eu ficasse segurando a mão dela, mais provável era que eu acabasse vendo coisas a seu respeito que ela podia não querer que eu soubesse ou descobrisse. Não importava o quanto eu cantarolasse baixinho ou tentasse distrair minha mente, nada impediria isso de acontecer.

Silenciando meus pensamentos, abri meus sentidos e fechei os olhos. Um segundo se passou, depois outro; e então uma série de formigamentos surgiu entre minhas escápulas e se espalhou para cima, para a parte de trás do meu crânio. Na escuridão da minha mente, comecei a ver a silhueta nebulosa do rosto de Naomi, mas a ignorei.

— Faça a pergunta de novo — instruí, porque me ajudaria a focar somente no que ela queria saber e não em todo o restante que ganhava forma e formava palavras em minha mente.

— Laurelin vai conseguir se recuperar da febre? — perguntou Naomi num tom de voz que mal passava de um sussurro.

Minha mente estava quieta, mas então ouvi algo que soava como um murmúrio da minha própria voz: *Ela conseguirá se recuperar.*

Um tremor de alívio atravessou meu corpo, mas minha pele logo se arrepiou. A voz continuou a murmurar. Soltando a mão de Naomi, abri os olhos.

Ela estava paralisada, a mão suspensa no ar.

— O que você viu?

— Ela vai se recuperar da febre — compartilhei.

A garganta dela se mexeu, com um engolir delicado.

— É mesmo?

— Sim. — Sorri, mas pareceu fraco.

— Ah, graças aos deuses — sussurrou ela, levando os dedos aos lábios.

— Obrigada.

Meu sorriso estava ainda mais forçado, e eu desviei o olhar. Pigarreei ao pegar a tigela. Mal conseguia sentir o frio da cerâmica em meus dedos.

— Claude não tem dormido bem de novo? — perguntou Naomi depois de um bom tempo, com a voz um tanto mais leve do que quando ela entrou no quarto.

Grata pela mudança de assunto, assenti.

— Ele quer estar bem descansado para os Banquetes.

Naomi arqueou as sobrancelhas.

— Faltam semanas para os Banquetes. Praticamente um mês.

Eu a encarei.

— Ele quer estar *bem* descansado.

Naomi debochou.

— É, ele deve estar bastante animado. — Recostando-se, ela brincou com a safira do colar fino de prata que sempre usava. — E você? Está animada?

Senti um friozinho na barriga, e imaginava que meu desconforto tinha ficado evidente.

— Não tenho pensado muito nisso.

— Mas vai ser sua primeira vez nos Banquetes, não é?

— Uhum. — Era o primeiro ano que eu tinha idade suficiente para ir ao evento, pois os participantes deviam ter vinte e dois anos ou estarem casados, o que para mim não fazia muito sentido, mas eram os Súperos e o rei Euros que faziam as regras, não eu.

— Você... não perde por esperar — falou ela devagar.

Dei um risinho dissimulado, pois já tinha escutado as histórias.

Ela veio até mim mais uma vez, falando com a voz baixa:

— Vai participar das... *festividades*?

— Festividades — repeti, rindo. — Que baita eufemismo.

Ela sorriu.

— Do que mais podemos chamar?

— Orgia?

Jogando a cabeça para trás, ela riu, produzindo um som tão amável e contagiante. Naomi tinha a melhor risada do mundo, o que fez com que um sorriso surgisse nos meus lábios também.

— Não é isso que acontece — respondeu ela.

— Ah, é? — perguntei de forma seca.

Naomi fingiu um semblante inocente, o que era impressionante, considerando que poucas coisas a respeito dela podiam ser associadas à inocência.

— Os Banquetes são uma forma de os Súperos reafirmarem seu compromisso de servirem aos íferos, compartilhando a abundância de comida e bebida. — Ela recitou a doutrina com a mesma precisão de qualquer prioresa ao cruzar as mãos sobre o colo, como uma bela dama recatada. — Às vezes o álcool fala mais alto, e com os Súperos por perto, certas *atividades* podem acontecer. Só isso.

— Ah, sim, reafirmar o compromisso aos íferos — repeti com uma pitada de sarcasmo. Era da nata mais pomposa dos Súperos de que ela falava; a esfera conhecida como Deminyens.

Quando os Deminyens emergiram do solo, dizem que passaram a existir já completamente formados e que não envelheciam, além de serem capazes de manipular os elementos e até mesmo a mente dos outros. Alguns eram lordes e esposas do escalão de Súperos, mas eles nem eram os mais poderosos entre os Deminyens. Os príncipes e as princesas que governavam os seis territórios de Caelum, junto ao rei, eram os que mais deixavam as pessoas com medo devido ao seu poder avassalador. Eles podiam assumir diferentes formas, manipular as águas dos rios com um mero gesto das mãos, e até mesmo se apropriarem das almas dos íferos, criando as criaturas temerosas conhecidas como Rae.

Pouco se sabia sobre eles, exceto o rei Euros. Pior ainda, fora o Príncipe Rainer de Primavera, não sabíamos nem os nomes deles. O único outro do qual ouvíamos falar, em informações que geralmente vinham por meio de boatos, era o Príncipe de Vytrus, que governava as Terras Altivas, e por isso era temido por muitos. Afinal, ele era conhecido como a mão que impunha a fúria do rei.

Quase dei uma risada alta. Os Súperos eram os Protetores do Reino, mas eu não sabia ao certo como eles nos serviam. Embora fossem mais como senhorios que só davam as caras quando era hora de cobrar o aluguel, os Súperos se faziam presentes de outra forma, controlando todos os aspectos da vida dos íferos — eles tomavam decisões que iam desde quem poderia ter acesso à educação até quem poderia possuir terras ou empresas. Ao meu ver, os Banquetes eram mais uma maneira de entregar aos Súperos o que eles queriam. Nossas manifestações de indulgência, fosse comendo da comida deles aos montes ou nos deliciando uns com os outros durante os Banquetes, também os *alimentavam*. Elas os fortaleciam, empoderavam. Nosso prazer era o sustento deles. Sua força de vida. Eles saíam ganhando muito mais do que nós.

Havia outras formas de eles provarem que se importavam com nós íferos, começando pelo fornecimento de comida para os necessitados além da época dos Banquetes. Muitos morriam de fome, trabalhavam nas minas até cair ou arriscavam a própria vida em caçadas para colocar comida na mesa. Enquanto os aristos — a classe representada pelos Súperos e os íferos mais abastados — ficavam cada mais vez ricos, os pobres ficavam cada vez mais pobres. As coisas sempre tinham sido daquela maneira e continuariam sendo, não importava quantas rebeliões os íferos fizessem. Muito pelo contrário, os Súperos forneciam comida apenas uma vez ao ano, quando boa parte dos mantimentos era desperdiçada enquanto todos participavam das *atividades* que Naomi havia mencionado.

No entanto, eu não disse nada daquilo em voz alta.

Eu podia até ser imprudente, mas não era tola.

— Sabe, eles não são tão ruins assim — comentou Naomi depois de um momento. — Os Súperos, digo. Conheço alguns lordes e algumas esposas que intervirem para ajudar os necessitados, e os de Primavera são bondosos e até gentis. Acho que a maioria é assim.

De repente, pensei no *meu* Súpero — o lorde desconhecido que tocou meu queixo e me perguntou como meus braços tinham ficado tão machucados. Eu não sabia por que pensava nele como meu. Obviamente não era o caso. Os Súperos podiam traçar a raça de íferos inteira e mais um pouco, e alguns podiam até se relacionar abertamente com uma pessoa ífera, ao menos por um tempo, mas eles nunca seriam íferos. Eu não sabia o nome dele, e pensar nele como meu foi um hábito estranho que criei naquela mesma noite.

Para ser sincera, eu duvidava muito de que um lorde Súpero tivesse sequer percebido que naquela madrugada ele salvou a vida de Grady. O mestre o teria punido por responder a ele na presença dos Súperos, e a maioria acabava morrendo com suas punições.

Senti o embrulho típico no estômago de toda vez que eu pensava no meu Súpero, porque eu *sabia* que um dia o veria de novo.

Ainda não tinha acontecido, e só de pensar que estava por vir, eu era tomada por uma mistura de medo e ansiedade que não sabia nem por onde começar a decifrar.

Porém, talvez Naomi estivesse certa a respeito de a maioria deles ser de fato o que alegavam ser — Protetores do Reino. Archwood prosperava sobretudo por causa dos Súperos de Primavera, a Corte Súpera que ficava logo depois do bosque nas redondezas do solar, e meu Súpero *havia* castigado o mestre. Apesar de fazê-lo de maneira bastante brutal, eu não sabia ao certo se isso fazia dele um bom exemplo de Súpero bondoso e gentil.

— Você... acha que os Deminyens virão para os Banquetes? — perguntei.

— Um ou outro geralmente aparece. — Ela franziu o cenho. — Já aconteceu de eu encontrar um ou dois lordes. Espero que apareçam este ano também.

Brincando com o pilão, olhei para ela.

O sorriso de Naomi ganhou um tom de malícia, e ela enrolou a corrente de prata nos dedos.

— Com um Súpero, o uso de Madrugada Adentro é dispensável — acrescentou, referindo-se ao pó feito de sementes de trombeta-de-anjo. Uma erva poderosa que, na dose adequada, deixava quem a consumia

grogue e sem muitas lembranças do período após a ingestão. — As noites são encantadoras por si só.

Ergui as sobrancelhas.

— O que foi? — perguntou ela com outra risada forte e rouca. — Sabia que os Súperos são conhecidos por terem orgasmos que podem durar horas? Literalmente *horas*?

— Ouvi dizer. — Eu não sabia se era mesmo verdade, mas a ideia de orgasmos que duravam horas me parecia... intensa. Talvez até um tanto dolorosa.

O olhar dela encontrou o meu.

— Você conseguiria tocar um Súpero sem o... *ler*?

— Não tenho certeza. — Pensei em Claude e no meu lorde Súpero. — Posso tocar um *caelestia* por um tempo antes de começar a descobrir alguma coisa, mas nunca toquei um Súpero, e sempre que me fazem uma pergunta que tenha relação com eles não sinto nada. Então não tenho certeza.

— Bem, talvez valha a pena descobrir. — Ela deu uma piscadinha.

Ri, sacudindo a cabeça.

Ela sorriu para mim.

— Preciso ir. Allyson está um caos ultimamente — disse ela, se referindo a uma das novatas do solar. — Preciso ver se ela está com a cabeça no lugar.

— Pois boa sorte.

Naomi riu e se levantou, a barra longa da camisola amontoada ao redor de seus pés. Ela foi em direção à porta, depois parou.

— Obrigada, Lis.

— Pelo quê? — Franzi o cenho.

— Por responder — concluiu ela.

Eu não sabia o que dizer ao vê-la indo embora, mas não queria sua gratidão.

Meus ombros caíram quando levantei a cabeça para o ventilador que girava devagar acima de mim. Eu não tinha mentido para Naomi. Sua irmã sobreviveria à febre, mas a previsão não parou por aí. Ela continuou sussurrando, me dizendo que a morte ainda marcava Laurelin. Não me permiti descobrir como ou por quê, mas eu tinha a sensação — e raramente eu errava, se é que já tinha acontecido — de que ela não viveria para ver o final dos Banquetes.



## CAPÍTULO DOIS

— Quer um outro tipo de vinho, mascote?

Flexionei os dedos, e então os pressionei na pele exposta entre duas das muitas fileiras de joias que enfeitavam meu quadril. Geralmente, o apelido não me incomodava, mas o primo de Claude, Hymel, estava perto o bastante para ouvir, o que não era incomum, considerando que ele era o Capitão da Guarda. Mesmo de costas para mim, eu sabia que ele tinha um sorrisinho malicioso no rosto. Hymel era um babaca, simples assim.

Correntes de diamantes finas e delicadas penduradas em uma coroa de crisântemos frescos bateram em meu rosto quando desviei o olhar da multidão abaixo para encarar o homem ao meu lado.

O Barão de Archwood, de cabelos escuros, estava sentado sobre o que só poderia ser descrito como um trono. Chamativo demais, na minha opinião. Grande o bastante para acomodar duas pessoas e enfeitado com rubis tirados das Minas Inanes, o assento custava mais do que os que mineravam as joias provavelmente veriam na vida.

Não que o barão tivesse ideia disso.

Claude Huntington não era necessariamente um homem perverso. Eu saberia se ele fosse, mesmo sem minha intuição. Já conheci muita gente ruim, de todas as classes, para deixar alguém mau passar despercebido. Ele talvez tivesse uma tendência um pouco extrema à imprudência e à indulgência nos prazeres da vida. Tinha a fama de tocar o terror quando contrariado, obviamente era mimado e, como era de se esperar de um *caelestia*, também era egoísta. Com baixíssima frequência, uma ruguinha de preocupação marcava a pele branca do barão.

No entanto, isso tinha mudado nos últimos meses. Seus cofres não estavam mais tão cheios. Provavelmente tinha algo a ver com as cadeiras e a decoração horrendas que Claude insistia em manter, e com as festas e comemorações que aconteciam quase todas as noites, que pareciam ser uma

necessidade de sobrevivência. Se bem que isso era um pouco injusto. Sim, Claude gostava de dar essas festas, mas elas também eram uma exigência imposta a todos os barões. Havia muitos tipos de prazer nessas reuniões, por meio de bebidas, de comida, de conversas ou do que geralmente acontecia de madrugada.

— Não — falei, sorrindo. — Mas obrigada por oferecer.

As luzes brilhantes do lustre faziam sua pele reluzir ao longo das maçãs do rosto e da ponte do nariz. Havia um cintilar de pó dourado ali. Não era algum tipo de pintura para o rosto. Era o estado natural da pele dele. Os *caelestias* reluziam.

Olhos num tom adorável que lembravam o azul-claro do mar buscaram os meus. Tudo a respeito de Claude era adorável. As mãos macias com as unhas perfeitas, o cabelo cortado e escuro. Ele era magro e alto, tinha a estatura perfeita para qualquer tendência de moda com a qual os aristos estivessem obcecados no momento, e, quando sorria, podia ser devastador.

Por um curto espaço de tempo, gostei de ser avassalada por aquele sorriso. Não me incomodava que Claude, por ser *caelestia*, sempre tivesse sido impossivelmente difícil de sentir. Minhas habilidades não começavam a agir sozinhas quando eu estava perto dele. Eu podia tocá-lo, mesmo que por um breve instante.

— Mas você mal bebeu seu vinho — apontou ele.

Risos e conversas produziam zumbidos ao nosso redor, e eu olhei para o cálice. O vinho tinha a cor da lavanda que crescia nos jardins de Archwood e o gosto de frutas caramelizadas. Era gostoso, e beber vinho era bem-visto e até mesmo esperado. Afinal de contas, havia prazer no consumo de álcool, mas ele também silenciava minhas habilidades. Mais importante ainda, eu sabia do motivo de ser a amante favorita do barão.

Não era por causa da minha aparência estranhamente atraente ou da minha personalidade. Ele fazia questão de providenciar abrigo, comida e cuidados tanto para mim quanto para Grady por conta das minhas habilidades e do quanto elas eram valiosas para ele. Eu morria de medo de que, assim que eu deixasse de ser útil, eu e Grady acabássemos de volta às ruas, sem o mínimo para sobreviver e vivendo constantemente à beira da morte.

Isso não era vida.

— Verdade — concordei, tomando um gole ao voltar minha atenção aos que estavam lá embaixo.

O Salão Principal, todo adornado com ouro, estava abarrotado de aristos — os exportadores e lojistas ricos, banqueiros e proprietários de terras. Ninguém usava máscaras. Não era *esse* tipo de festa. Ainda não. Procurei Naomi entre a multidão lá embaixo, pois tinha perdido ela de vista.

— Mascote? — chamou Claude num sussurro.

Eu o fitei de novo. Ele estava inclinado na minha direção, estendendo a mão para mim. Atrás de nós, seus guardas particulares não tiravam os olhos da aglomeração. Todos, exceto Grady. De relance, vi a pele marrom de seu maxilar tensionando. Grady não era lá muito fã do barão e do acordo entre nós dois. Olhei de novo para o barão.

Claude sorriu.

Apoiando a mão na almofada de veludo em que eu estava sentada, me inclinei para ele e coloquei sua mão em meu queixo. Seus dedos estavam frios, como sempre. Seus lábios também, quando ele abaixou a cabeça para me beijar. Senti um friozinho de nada na barriga. Antigamente, era mais intenso, quando eu ainda achava que a atenção dele era de fato um produto por ele me *desejar*.

Era esse o motivo de Grady não gostar do acordo.

Se fosse o caso de Claude me dar atenção fundada em desejo por, bem, mim mesma, Grady não se importaria. Ele só achava que eu merecia mais. Que eu merecia algo melhor. E não é como se eu também não pensasse isso, mas abundância e qualidade eram atributos difíceis de se encontrar — e ambos eram superados pela tranquilidade de termos um teto sobre nossas cabeças, comida em nossas barrigas, segurança e estabilidade o tempo todo.

Ele afastou os lábios dos meus.

— Estou preocupado com você.

— Por quê?

Ele passou um dedo pelo meu lábio inferior, tomando cuidado para não borrar a tinta vermelha.

— Está quieta.

Como poderia ser diferente, considerando que eu estava plantada no estrado com apenas ele e Hymel por perto? Claude passara a noite conversando com todo mundo que aparecia em sua frente, e eu preferiria

cortar minha própria língua a conversar com Hymel. De verdade. Cortaria minha língua e a jogaria na cara dele para não precisar puxar assunto.

— Acho que só estou cansada.

— O que a cansou tanto? — perguntou, o tom de voz entregando a medida certa de sua preocupação.

— Não dormi direito.

“Um pesadelo me acordou de madrugada trazendo lembranças temerosas. Sonhei que estávamos de volta às ruas, e Grady estava doente com aquela tosse que causa calafrios” — a que eu ainda conseguia ouvir com precisão mesmo depois de tantos anos. Era um pesadelo que me ocorria com frequência, mas na noite anterior... tinha sido real demais.

Foi por isso que eu tinha passado a maior parte do dia cuidando do meu jardim. Mal tive tempo de comer alguma coisa entre a jardinagem e os preparativos para a minha presença no Salão Principal. Naquele jardimzinho eu não pensava no passado tão vívido, nem nos pesadelos, nem no medo de que toda a minha vida acabasse num piscar de olhos.

Claude arqueou uma das sobrancelhas escuras em resposta.

— Foi só isso mesmo?

Fiz que sim.

Ele levou a mão ao meu cabelo, arrumando uma das fileiras de diamantes.

— Eu estava começando a achar que você estava com ciúmes.

Eu o encarei, confusa.

— Sei que tenho prestado mais atenção nos outros ultimamente — admitiu ele, ajeitando outra fileira das joias enquanto olhava para a multidão. Provavelmente se referia a Allyson, do cabelo claro. — Tive receio de que estivesse começando a se sentir desprezada.

Foi a minha vez de erguer as sobrancelhas.

— Ah, é?

Ele franziu o cenho.

— Sim.

Continuei a encará-lo, demorando a perceber que ele estava sendo sincero. Senti uma vontade de rir, mas a suprimi. Eu nem me lembrava da última vez que Claude fez mais do que me dar um selinho ou um tapinha na bunda, e por mim estava tudo bem.

Na maior parte do tempo.

Embora minha atração por ele tivesse diminuído, eu gostava de ser tocada. Cobiçada. Desejada. Eu gostava de tocar, mesmo que por apenas alguns minutos. E, por mais que Claude não impusesse limites a seus amantes no geral, comigo as coisas eram um pouco mais complicadas. Eu era mais uma conselheira... ou uma espiã a quem ele vez ou outra dava atenção.

— Me disseram que você não tem dormido no quarto de ninguém — acrescentou.

A irritação tomou conta de mim. A ideia de ele mandar alguém me observar me incomodava. Além do mais, era uma observação basicamente irrelevante.

Claude sabia muito bem que ter momentos de intimidade não era fácil para mim. Eu ficava desconfortável se a outra pessoa não tivesse pleno conhecimento dos riscos iminentes do meu toque — que com certeza estariam lá, a menos que eu silenciasse meus sentidos com uma dose de álcool equivalente ao meu peso. Além do fato de que não me lembrar de fazer sexo e simplesmente torcer para ter sido bom para mim era tão inquietante quanto ver ou ouvir coisas das quais eu não deveria saber. Talvez até mais.

Entretanto, Claude tinha o hábito de se esquecer de qualquer coisa que não o envolvia diretamente.

— Não quero que se sinta sozinha — declarou ele, e senti verdade em suas palavras.

Por isso, sorri para ele.

— Não estou.

Claude prontamente devolveu um sorriso e se afastou, voltando sua atenção a sabe-se lá o quê. Eu lhe tinha dado o que ele queria: a confirmação de que estava bem. Ele vinha atrás de mim porque se importava, mas também porque tinha medo de que, se eu não estivesse feliz, eu iria embora. Porém, o que lhe dei foi uma mentira, porque eu...

Detive meus pensamentos, como se isso fizesse alguma diferença em relação ao que sinto.

Peguei o cálice, bebendo metade do vinho num só gole enquanto observava as fissuras douradas no piso de mármore. Minha mente se aquietou, por meros segundos, mas o bastante para que os murmúrios das vozes ficassem mais altos. Fechando os olhos, respirei fundo e preendi o

fôlego até cortar cada um dos fios imaginários que começavam a se formar na minha cabeça.

Após alguns instantes, soltei o ar devagar e abri os olhos. Meu olhar atravessou a multidão, vendo os rostos num borrão enquanto trazia meus pensamentos de volta para mim.

À minha frente, Hymel se apoiava no estrado. Ele se virou para me olhar, a boca emoldurada por uma barba bem aparada e lábios que formavam um sorriso malicioso.

— Precisa de alguma coisa, *mascote*?

Minha expressão não transpareceu nada ao encarar Hymel de volta. Eu não gostava dele, e a única razão para Claude tolerá-lo era por ele ser da família, além do fato de que era ele quem cuidava das partes chatas da administração de uma cidade. Por exemplo, Hymel adorava ser enviado para coletar o pagamento do aluguel, principalmente quando o inquilino não tinha como pagar. Além disso, ele era desnecessariamente rude com os guardas e me provocava sempre que podia.

Hymel queria que eu o respondesse como fazia quando os outros me cutucavam com vara curta. Eu tinha o que ele chamava de “boca atrevida”. No entanto, eu já havia aprendido a controlá-la. Quer dizer, noventa e nove por cento do tempo pelo menos. Mas quando eu ficava brava de verdade? Ou nervosa, ou com medo? Era a única defesa que eu tinha.

Por outro lado, parando para pensar, não era bem uma defesa. Estava mais para uma tendência autodestrutiva, porque a impulsividade sempre, *sempre* me arrumava problemas.

Enfim, Naomi me disse uma vez que era porque ele tinha problemas na hora H, não conseguia chegar ao clímax. Eu não sabia se isso era verdade ou não, mas achava irônico que pudesse ser tão difícil para um ser como ele, mas os *caelestias* eram tão próximos da mortalidade quanto os Súperos — eles não adoeciam com tanta frequência e eram fisicamente mais fortes. Não precisavam se alimentar como os Deminyens, mas não eram imunes a doenças. Ainda assim, eu duvidava que esse fosse o motivo por trás da atitude maldosa de Hymel, ao menos não achava que era o único, mas de uma coisa eu tinha certeza.

Hymel nutria um tipo específico de crueldade, e era aí que morava a diversão para ele.

Ele deu um sorriso convencido.

— Você é como o cão de caça predileto dele. Sabe disso, não é? — Sua voz estava tão baixa que só eu conseguia ouvi-lo, considerando que Claude tinha voltado sua atenção a um de seus comparsas. — Ele deixa você sentadinha aos pés dele.

Eu sabia, sim.

Mas eu preferia ser um cão de caça do que um vira-lata morto de fome na rua.

Hymel não entenderia meu lado. Quem nunca precisou se perguntar quando é que conseguiria comer de novo ou se os ratos que se embrenhavam no seu cabelo de madrugada carregavam doenças, não fazia a menor ideia do que uma pessoa faria para garantir alimentação e abrigo.

Portanto, as opiniões de Hymel e de quem pensava como ele não me afetavam em nada.

Apenas sorri, levando o cálice aos lábios e dando outro gole, menor dessa vez.

Hymel semicerrou os olhos, mas depois me deu as costas. Ele estava tenso. Segui seu olhar. Um homem alto e bem-vestido saía da aglomeração. Eu o reconheci.

Ellis Ramsey se aproximava do estrado, indo em direção ao barão. O magnata de expedições, nativo da cidade vizinha de Newmarsh, parou para fazer uma reverência bem singela ao barão.

— Boa noite, barão Huntington.

Claude assentiu para o homem e indicou uma das cadeiras vazias a seu lado.

— Gostaria de tomar um pouco de vinho?

— Agradeço, mas não será necessário. Não quero tomar muito do seu tempo esta noite. — Ramsey deu um sorriso leve, que não ajudou em nada a apaziguar seus traços grisalhos, e se sentou. — Trago notícias.

— A respeito de quê? — murmurou Claude, olhando para mim. Foi de relance, mas eu notei.

— A respeito das Terras do Oeste — respondeu o homem. — Houve uma... evolução.

— E qual seria? — perguntou Claude.

Ramsey se aproximou do barão.

— Há rumores de que a Corte das Terras do Oeste está em desacordo com o rei.

Minhas orelhas se eriçaram imediatamente de curiosidade, então abaixei o cálice e me concentrei em meus sentidos. Em um lugar tão abarrotado, eu precisava ter cautela para não me sobrecarregar. Concentrei-me somente em Ramsey, criando o fio imaginário na minha mente — um cabo que me ligava diretamente a ele. Podia ser difícil interpretar pensamentos — às vezes o que eu ouvia era mais um amontoado de palavras que ora combinava com o que estava sendo dito, ora divergia por completo. De qualquer modo, eu sempre levava um tempo para reconhecer as coordenadas, decifrar o que eu ouvia em alto e bom som e o que era omitido.

— Esses boatos não me interessam muito — respondeu Claude.

— Acredito que deste o senhor vai gostar. — Ramsey baixou o tom de voz, e ao mesmo tempo, eu ouvi: *Duvido que você tenha interesse em qualquer coisa que não mostre que está molhada entre pernas abertas.* Revirei os olhos. — Dois chanceleres foram enviados à Visália em nome do rei — contou Ramsey, referindo-se aos mensageiros ínferos que atuavam como intermediários entre o rei e as cinco Cortes. — Parece que houve um problema com a visita, pois eles foram mandados de volta à Sua Majestade... — O magnata se permitiu uma pausa dramática. — Esquartejados.

Mal consegui conter um arquejo de susto. Eu particularmente consideraria o fato de que mensageiros voltaram de uma missão em pedaços muito mais do que um mero problema.

— Bem, isto é preocupante. — Claude tomou um gole longo do vinho.

— E não para por aí.

Claude apertou a taça com mais força.

— Mal posso esperar para ouvir.

— A Princesa de Visália tem reunido uma presença considerável ao longo da fronteira entre as Terras do Oeste e as Terras Médias — avisou Ramsey, com seus pensamentos enfim refletindo o que ele dizia. — Não passam de rumores também, mas esses acredito que sejam verdade.

— Essa tal presença considerável. — Claude olhou por sobre o ombro para a aglomeração lá embaixo. — Estamos falando do batalhão da princesa?

— O que chegou até mim é que se trata do batalhão dela junto dos Cavaleiros de Ferro. — Ramsey se mexeu, desconfortável, apoiando a mão enorme sobre o joelho.

A surpresa tomou conta de mim, e eu coloquei o cálice na bandeja. Os Cavaleiros de Ferro, um grupo de íferos rebeldes, que se assemelhavam mais a saqueadores do que a cavaleiros, já estavam causando problemas nas cidades da fronteira entre as Terras Médias e as Terras Baixas havia um ano. Até onde eu sabia, eles queriam que o rei Súpero fosse substituído por um ífero; embora eu não pensasse muito em política a menos que fosse necessário, sabia que eles estavam ganhando apoio por todo o reino de Caelum. Era algo um pouco difícil de evitar quando eu sabia que o povo acreditava que Vayne Beylen — o Comandante dos Cavaleiros de Ferro — podia mudar a situação do reino para melhor, mas eu não via como ele poderia fazer isso caso eles se unissem aos Súperos das Terras do Oeste.

Claude passou o dedão pelo queixo.

— Eles já cruzaram a fronteira para as Terras Médias?

— Não que eu saiba.

— E Beylen? — perguntou Claude. — Foi visto?

— Isso é uma coisa que não sou capaz de responder — respondeu Ramsey, enquanto pensava: *Se aquele desgraçado for visto, estará morto.* Alguma coisa nesse pensamento me preocupou, porque era quase como se a morte de Beylen não fosse desejada. Os Cavaleiros de Ferro estavam ganhando aprovação entre os íferos, mas geralmente os mais ricos não queriam que seu exército fosse bem-sucedido. Isso colocaria em risco o *status quo* do reino. — Mas Archwood está bem longe da fronteira. Teremos ao menos um alerta se os Cavaleiros de Ferro invadirem nossas terras. No entanto, caso cheguem além das cidades na fronteira, não seria mais uma rebelião.

— Não — murmurou Claude. — Seria um chamado à guerra.

Senti um aperto imenso no peito ao interromper a conexão que eu havia estabelecido com o magnata. Olhei para Grady e então para a multidão. Não enfrentávamos uma guerra desde a Grande Guerra, que ocorrera quatro séculos antes, e não deixara quase nada do reino de pé para contar a história.

— Não acho que chegará a tanto — opinou Ramsey.

— Nem eu. — Claude assentiu devagar. — Obrigado pelas informações. — Ele recostou na cadeira. — Não conte nada a mais ninguém até que tenhamos certeza. Do contrário, teremos que lidar com o pânico do povo.

— De acordo.

O barão ficou quieto, e Ramsey se levantou para descer do estrado. O magnata de expedições não estava mais visível na multidão quando Claude voltou sua atenção a mim.

— O que descobriu?

Enfim, o “x” da questão em nosso acordo: como eu o beneficiava. Às vezes, era descobrindo o futuro de alguém ou xeretando os pensamentos de outro barão, se estavam tramando algo ou se vinham a Archwood com boas intenções. Em alguns casos, minhas investigações requeriam um pouco mais de... destreza prática.

Mas não dessa vez.

Assim que ele terminou de fazer a pergunta, senti um arrepio. Uma frieza se instalou bem no meio das minhas escápulas. Meu estômago revirou, e toquei o espaço atrás da minha orelha esquerda por baixo do cabelo, onde tinha a sensação que alguém havia plantado um beijo gelado. A voz intrometida nos meus pensamentos sussurrou um aviso.

*Ele está vindo.*



## CAPÍTULO TRÊS

A dorzinha chata na minha cabeça que aparecia sempre que eu ficava num lugar cheio só passou quando voltei aos meus aposentos. Eu estava cansada, mas minha mente estava alerta demais para que eu sequer cogitasse dormir quando entrei na sala de banho.

Esfreguei o rosto para tirar a pintura e tranchei o cabelo. Depois de vestir a camisola, coloquei um robe leve de mangas curtas com um cinto e calcei um par de botas sem salto. Saí pelas portas do terraço dos meus aposentos e fui direto para o ar úmido da noite, em seguida atravessei o pátio estreito a caminho do gramado no quintal. Devia ter chovido havia pouco tempo, mas as nuvens haviam se dissipado. Com o brilho prateado da lua cheia iluminando a grama e o caminho de pedras, nem me dei ao trabalho de esconder meus movimentos dos guardas que patrulhavam ao longe os muros do solar. O barão tinha plena ciência das minhas voltinhas noturnas e não via problema algum nelas.

Durante o dia, o povo da cidade adentrava as dependências do solar para caminhar pelos jardins, mas tarde da noite tudo era silencioso e calmo. O mesmo não podia ser dito sobre o lado de dentro do solar, onde a festa apenas começava no Salão Principal. Aristo nenhum reunido lá fazia ideia do que estava por vir.

De *quem* estava por vir.

Senti meu estômago revirar como se estivesse cheio de serpentes. Podia ser um aviso a respeito dos Cavaleiros de Ferro — do comandante deles? Era a única coisa que fazia sentido, mas por que os Cavaleiros de Ferro trabalhariam com a Princesa de Visália?

Tentar antever um futuro no qual os Deminyens estivessem envolvidos era quase tão inútil quanto tentar antever o meu próprio destino. Meus dons não serviam de nada quando eu não ouvia ou não via nada, ou quando recebia apenas impressões vagas.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Uma maldição de ruínas e fúria" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).